



## A MORTE DE CERVANTES, O NASCIMENTO DE "QUIXOTES"

Keilla Conceição Petrin  
Grande\*

\* keilla.petrin@ig.com.br  
Mestranda em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Licenciada em Letras pelo Centro Universitário do Sul de Minas e especialização em Literaturas de Língua Portuguesa pela PUC/MG.

**RESUMO:** O presente artigo tem como propósito analisar o conto "Pierre Menard, autor do Quixote", de Jorge Luis Borges, à luz da teoria da "morte do autor". Deseja-se, ao entrecruzar os dois textos, demonstrar que teoria e obra devem estar em um contínuo e permanente diálogo, pois, à medida que a teoria elucidada e propõe sentidos ao texto, é o fazer literário que alimenta e amplia o campo de atuação da teoria.

**PALAVRAS-CHAVE:** teoria da literatura; morte do autor; Pierre Menard.

**ABSTRACT :** This article aims to analyze the short story *Pierre Menard, Author of Don Quixote*, of Jorge Luis Borges, under the theory of the "death of the author." It is hoped, the criss-cross the two texts, demonstrate that theory and literary text must be in a continuous dialogue, because, as the theory elucidates and proposes meanings to text, the literary construction feeds and expands the field of performance theory.

**KEYWORDS:** theory of literature; death of the author; Pierre Menard.

## INTRODUÇÃO

No século XX, os estudos literários tomaram vulto com o surgimento e consolidação de importantes escolas como o Formalismo Russo, o Estruturalismo, o New Criticism, a Estética da Recepção, e os consideráveis pensadores que se debruçaram sobre a tarefa de analisar a obra literária, cujas reflexões ainda ecoam em nossos dias, como Valéry, Todorov, Adorno, Benjamin, Iser, Barthes, entre outros. Concomitante a isso, ocorreu a ampliação do campo das ciências humanas – linguística, sociologia, filosofia, psicanálise, para citar apenas algumas –, que foram se agregando aos estudos literários, de maneira a elucidar e amparar a interpretação do texto literário.

No entanto, das últimas décadas do século XX aos nossos dias, defrontamos com o que podemos chamar de “crise da teoria literária”. Como apontado por Antoine Compagnon “A teoria institucionalizou-se, transformou-se em método, tornou-se uma pequena técnica pedagógica, frequentemente tão árida quanto a explicação de texto, que ela atacava, então, energicamente”.<sup>1</sup> Também a crítica Eneida Maria de Souza aponta em seu artigo *A teoria em crise*<sup>2</sup> alguns percalços por que passa os estudos teóricos da literatura diante das mudanças nas esferas social, cultural e no próprio campo dos saberes.

Talvez esse quadro seja resultado de que crítica e teoria literárias de tal forma se consolidaram como disciplinas no

âmbito acadêmico e científico que se afastaram de seu ponto de partida – o texto literário – e se voltaram para si mesmas, numa via de mão única, que coloca em discussão suas próprias teses. Outro problema concerne ao fato de que, por vezes, a teoria é dada *a priori* em relação ao texto, quando parece ser mais plausível que se parta do texto para colocá-lo em diálogo com a(s) teoria(s), com outras produções ou até mesmo outras áreas do saber. Essa é uma das reflexões que Leyla Perrone-Moisés propõe em seu ensaio *Pastiches Críticos*<sup>3</sup>, no qual, de forma irônica, mostra dez maneiras de “criticar” o mesmo texto, dependendo apenas da que for mais conveniente ao acadêmico e a suas intenções.

Diante dessa discussão, a proposta deste artigo é, a partir do conto *Pierre Menard, autor do Quixote*, de Jorge Luis Borges, refletir sobre como o texto literário aponta caminhos para sua análise, como ele coloca em questão a própria produção literária e, conseqüentemente, como ele exerce um duplo diálogo com a teoria da literatura: ao mesmo tempo em que o fazer literário sustenta e é fonte da teoria, ele também a solicita como forma de pôr-se em análise, desvelando seus meandros, buscando seus possíveis sentidos.

### DA INTRINCADA ESCRITA DO QUIXOTE

O conto *Pierre Menard, autor do Quixote* apresenta um instigante jogo de reflexões acerca da produção literária, visto

1. COMPAGNON. *O demônio da teoria*, p. 12-13.

2. SOUZA. *A teoria em crise*, p. 67-78.

3. PERRONE-MOISÉS. *Pastiches Críticos*, p. 352-358.

ser ele mesmo um texto que se propõe à análise da obra de um suposto escritor francês. Uma das primeiras proposições se dá por colocar em xeque a própria questão do gênero: um texto que se inscreve como conto, mas que mais se aproxima de um ensaio teórico. Ao mesmo tempo em que atuam personagens ficcionais – o próprio Menard o é – entram em cena escritores como Valéry, Leibniz, Descartes, Russel, os quais, inclusive, foram objeto de estudo do nosso hipotético escritor. As notas de rodapé ao longo do texto contêm informações acerca das questões ficcionais tratadas no conto, o que resulta em uma dupla ficcionalização. E assim, o tempo todo, o texto coloca em exercício a própria construção literária.

Basicamente, a trama está pautada na intenção do narrador em fazer um exame e, também, uma retificação em relação a um catálogo que Madame Henri Bachelier havia feito sobre a obra deixada por Menard. Nessa análise que propõe o narrador, ele irá classificar a obra de Menard em *duas*. A primeira, “visível”, que pode ser assim resumida: um soneto simbolista e um ciclo de sonetos dedicados a Baronesa de Bacourt; quatro monografias e o rascunho de uma outra; duas traduções; um artigo sobre o xadrez; um exame de leis métricas; uma réplica; um prefácio; uma obra, na qual se discute o problema de “Aquiles e a tartaruga”; uma análise; uma transposição para versos alexandrinos, de um poema

de Valéry; um elogio à Condessa de Bagnoregio; um texto contra Paul Valéry e, por fim, uma lista manuscrita de versos. Cabe notar que a maioria dessas obras são textos os quais podemos tomar por “técnicos” ou “críticos”, fato que também não parece ser fortuito na narrativa.

Já a outra, “a subterrânea, a interminavelmente heroica, a sem par. Também – pobres possibilidades humanas! – a inconclusa”,<sup>4</sup> denominada pelo narrador como “talvez a mais significativa do nosso tempo”<sup>5</sup> é, curiosamente, composta pelos capítulos IX e XXXVIII da primeira parte do *Dom Quixote* e de um fragmento do capítulo XXII. O narrador reconhece a estranheza do fato e diz que justificá-lo é objetivo central do texto que elabora.

Menard não queria compor outro Quixote, mas “o Quixote”, de modo que palavra por palavra e linha por linha coincidisse com as de Cervantes. Assim, pensa em algumas estratégias para chegar a seu intento, mas percebe que não resultará naquilo que, de fato, pretende:

Ser, de alguma forma, Cervantes e chegar ao *Quixote* pareceu-lhe menos árduo – por conseguinte, menos interessante – que continuar sendo Pierre Menard e chegar ao *Quixote* através das experiências de Pierre Menard.<sup>6</sup>

4. BORGES. Pierre Menard, autor de Quijote, p. 37.

5. Ibidem. p. 37.

6. BORGES. Pierre Menard, autor de Quijote, p. 39.

Continuam explicações acerca da composição do romancista francês até que se chega à comparação entre os “Quixotes”:

É uma revelação cotejar o *Dom Quixote* de Menard com o de Cervantes. Este, por exemplo, escreveu (*Dom Quixote*, primeira parte, capítulo IX):

*...a verdade, cuja mãe é a história, êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.*

[...] Menard, em contrapartida, escreve:

*...a verdade, cuja mãe é a história, êmula do tempo, depósito das ações, testemunha do passado, exemplo e aviso do presente, advertência do futuro.*<sup>7</sup>

Aqui, o texto causa-nos uma surpresa, ou como afirma o narrador, uma “revelação”, pois com a intenção de reescrever o Quixote, seria de se esperar uma nova história do Quixote, ou, no mínimo, uma paráfrase. Mas é justamente na identidade da escrita que reside uma das mais instigantes propostas do texto e que nos leva a pensar: Qual a intenção de um texto que repete *ipsis litteris* um anterior? Seria legítimo o Quixote de Menard? Ou essa obra pertence tão somente a Cervantes?

Nessa emaranhada rede de autoria que o conto *Pierre Menard, autor do Quixote* nos propõe, parece inevitável trazer à tona uma das questões que mais provoca o debate crítico-teórico, que é a teoria da “morte do autor”. Um dos textos mais emblemáticos em torno ao assunto, sem dúvida, é o de Roland Barthes. Em *A morte do autor*, escrito em 1968, ele, em um primeiro momento, tomando como exemplo um trecho de Balzac, questiona a quem pertence aquela voz que fala no romance, e responde dizendo que não é possível saber. Dessa forma, o que o semiótico francês demonstra é que a “escritura”, aqui tomada por nós como o texto literário, fala por si mesma. Isso quer dizer que o texto tem autonomia em relação àquele que o produz; assim, a voz que “fala” no texto, é a do próprio texto:

[...] a escritura é a destruição de toda voz, de toda origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo pelo qual foge o nosso sujeito, o branco-e-preto em que vem se perder toda identidade, a começar pela do corpo que escreve.<sup>8</sup>

É nesse sentido, o de que “é a linguagem que fala, não o autor”<sup>9</sup> que inserimos o conto de Borges. Vimos que Menard propõe-se a escrever o Quixote, desejoso de que as páginas de seu livro fossem idênticas as de Cervantes. A priori, ele pensa em resgatar o momento histórico-social do escritor espanhol “Conhecer bem o espanhol, recuperar a fé católica,

7. Ibidem. p. 42-43. (Destaques do autor)

8. BARTHES. *A morte do autor*, p. 57.

9. Ibidem, p. 59.

10. BORGES. Pierre Menard, autor de Quijote, p. 39.

guerrear contra os mouros ou contra os turcos, esquecer a história da Europa entre os anos de 1602 e de 1918”<sup>10</sup>. No entanto, essa opção é rejeitada, pois se assim o fizesse, não seria Menard compondo o Quixote, mas continuaria a ser Cervantes, com o mesmo estilo, contexto e ideologia. Por isso, decide por escrever o Quixote sendo Menard.

A leitura por Menard não é a mesma de autor espanhol, pois o escritor francês chega ao Quixote por suas próprias experiências. Isso afeta o texto em sua linguagem, em seu estilo, em sua interpretação: se em Cervantes, a língua espanhola é a de uso comum, ordinário, Menard recai no uso de uma língua arcaica, conseqüentemente, na afetação do estilo; enquanto o escritor espanhol “opõe as ficções cavaleirescas à pobre realidade provinciana de seu país”, Menard, ocupando outro tempo e espaço, não toma o Quixote como um romance “espanhol”, na verdade ele despreza os elementos que, de imediato, remetem à cultura castelhana “Esse desdém indica um sentido novo do romance histórico”<sup>11</sup>, o que recairá em uma nova significação de verdade e história. Se em Cervantes, a história é “mãe da verdade”, parece que para Menard, história não coincide com verdade factual, mas com aquilo que temos por verdade, o que quer dizer que história e verdade podem ser relativizadas.

A crítica, durante muito tempo e ainda com algum eco nos dias atuais, julgava a obra literária como um reflexo da

história e, para imputar-lhe um sentido, buscava as marcas da época de sua produção para ancorar sua interpretação do texto; além disso, outro critério tomado como basilar seria o contexto histórico-social associado à biografia do autor, o que é demonstrado e criticado nas palavras de Foucault:

a crítica literária moderna [...] não define o autor de outra maneira: o autor é o que permite explicar tão bem a presença de certos acontecimentos em uma obra como suas transformações, suas deformações, suas diversas modificações (e isso pela biografia do autor, a localização de sua perspectiva individual, a análise de sua situação social ou sua posição de classe, a revelação de seu projeto fundamental.<sup>12</sup>

No *Pierre Menard*, Borges coloca em xeque a relação história/literatura, ficção/realidade, deixando entrever que a ligação entre elas não constitui uma mera transposição de palavras como se uma só fizesse demonstrar a outra pela criação verbal. Tanto é que Menard, tal qual o narrador, desprezam a ideia de “trazer” o Quixote ou quaisquer outros personagens do passado, “Cristo”, “Hamlet”, para o contexto histórico contemporâneo ao do escritor para posicioná-los em um tempo e espaço modernos. Julgam abomináveis aqueles que se submetem a essa tarefa. Por isso desnecessário é modificar as palavras do romance original, visto que o que atua no sentido da obra não é sua atualização linguística ou

12. FOUCAULT. O que é um Autor?, p. 276-277.

11. Ibidem, p. 41.

espaço-temporal dos personagens, mas *o modo de ver do leitor*: “outro tempo não há senão e da enunciação, e todo texto é escrito eternamente *aqui e agora*”<sup>13</sup>.

Reforçando a ideia de que a escritura não é uma composição individual e unívoca, cabe notar que a passagem tomada pelo narrador para mostrar os “Quixotes” é retirada do capítulo nove do romance cervantino, o qual seria um dos capítulos que comporia a obra de Menard. Interessante é que no referido capítulo, o narrador do “primeiro” Quixote inicia lamentando o fato de que não poderia continuar a contar a batalha de Dom Quixote com o viscaíno, pois seu autor dela não teria deixado notícia. Até que um dia, esse narrador encontra um garoto vendendo “pequenos cadernos” com algumas anotações. Por ser um aficionado pela leitura, compra um desses papéis e percebe sua escrita em árabe, o que o faz solicitar um tradutor para a leitura do texto. Tão logo o intérprete se põe a ler, o narrador toma conhecimento do título da narrativa que ali continha “Historia de Don Quijote de la Mancha, escrita por el Cide Hamete Benengeli, historiador arábigo.”<sup>14</sup> Tão vislumbrado fica em encontrar mais sobre as façanhas do *manchego* que compra os demais cadernos e, de fato, comprova a continuidade da história de Dom Quixote.

A retomada do capítulo IX mostra que não apenas no texto borgiano, mas no próprio romance de Cervantes, está posta a questão “duvidosa” da autoria e a correspondência

história/ficção. Temos um narrador primeiro que nos traz uma parte da história do *cavaleiro da triste figura*; depois, há um outro narrador, “historiador”, árabe, que dá continuidade à trama quixotesca; como se não bastasse, ainda aparece a figura de um tradutor. Nesse emaranhado de vozes, seria possível responder “a quem pertence a autoria do Quixote”? Observemos que o questionamento de Borges quanto à autoria e à relação história/verdade também está presente no romance de Cervantes, pois, sem dúvida, não é por acaso que temos um *historiador* de uma outra nacionalidade a ser também um escritor do Quixote. Assim,

Se completa el sistema narrativo cervantino: un autor devenido lector, que para seguir leyendo necesita de un traductor. Se confunden, o pertenecen a la misma esfera, autor, lector, traductor.

Pierre Menard opera con idéntico sistema narrativo, aunque invierte su primer término: es ahora el lector que deviene autor (se conserva la equivalencia del lector y el autor con el traductor); cambio decisivo para la comprensión del texto borgeano.<sup>15</sup>

Também, a contraposição entre um escritor espanhol, do século XVI e um escritor francês, do século XX, mais uma vez reforça a autonomia da obra, o livre trânsito *do texto* (e não do seu criador) no tempo e no espaço. Se assim não

13. BARTHES. A morte do autor, p. 61. (destaques do autor)

14. CERVANTES. *Dom Quixote*, p. 55.

15. FERNANDÉZ. *Pierre Menard, autor del Quijote: biografía de un lector*. Disponível em: <http://www.revistaliteratura.uchile.cl/index.php/RCL/article/viewArticle/1508>

fosse, o intercâmbio da leitura literária não se faria possível e estaríamos fadados apenas à produção contemporânea.

Um outro ponto convergente em Borges e Barthes está na consideração do texto literário como um fazer coletivo, proveniente de um acúmulo de leituras, de outros textos e experiência. A afirmação de Barthes de que “um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação”<sup>16</sup> é convergente com o exercício que Menard faz em seu Quixote.

É importante, ainda, lembrarmos que a obra não visível, “subterrânea” de Menard é “inconclusa”. Esse deixar em aberto só faz reforçar o caráter de contínuo movimento de (re) escrita a que a obra se oferece: ela não termina com Menard, mas continua em cada um que engendre sua leitura.

#### **BORGES, PRECURSOR DE BARTHES**

Borges foi contista, poeta, ensaísta, crítico e, dentre sua produção, há um notável texto intitulado *Kafka y sus precursores*. Enquanto normalmente a um autor lhe são atribuídas influências, o escritor argentino coloca que “cada escritor crea a sus precursores.”<sup>17</sup> Nesse sentido, uma obra do presente “modifica” uma obra do passado, pois as novas criações artísticas, as novas leituras vão não apenas elucidar como ressignificar textos anteriores.

Há, nessa colocação, dois momentos, um advindo da ficção, outro, da teoria, em que olhamos para o próprio Borges como aquele que demonstra a criação de precursores. Ao escrever o “Quixote”, tal como já foi discutido, Menard imprime ao leitor e à obra um novo valor que altera o sentido do romance de Cervantes e reformula os critérios de história e verdade. Porém só percebemos tais questões, porque Cervantes, seja no confronto ou na convergência de ideias, já as tinha colocado em seu texto. Por exemplo, a múltipla autoria já estava contida no primeiro Quixote, mas é inegável que Menard a potencializa quando (re)escreve o Quixote com as mesmas palavras e outros sentidos, podendo, dessa forma, atribuir a si próprio um novo romance. Inclusive, o desacordo ou identificação apenas podem ser percebidos por nós através do conhecimento do texto primevo. Assim, poderíamos dizer que Cervantes é o precursor de Menard. O próprio Menard assim o admite na carta que escreve ao narrador do conto: “Meu complacente precursor não rejeitou a colaboração do acaso: ia compondo a obra imortal um pouco *à la diable*, levado pela inércia da linguagem e da invenção”;<sup>18</sup> em outro ponto, é o narrador que deixa subtendida a ideia do precursor:

Confessarei que [...] leio o *Quixote* – todo o *Quixote* – como se Menard o tivesse pensado? Noites atrás, ao folhear o capítulo XXVI – que ele nunca ensaiou –, reconheci o estilo de nosso amigo e como que sua voz [...]<sup>19</sup>

16. BARTHES. A morte do autor, p. 64.

17. BORGES. Kafka y sus precursores, p. 81.

18. BORGES. Pierre Menard, autor de Quijote, p. 41.

19. Ibidem, p. 39.

20. BARTHES, *A morte do autor*, p. 64.

Em *A morte do autor* Barthes coloca em discussão o papel do autor e do leitor diante da obra. Despreendendo-se do critério de “intenção” do autor para a análise de texto literário, ele propõe o movimento contrário; em suas próprias palavras “é preciso inverter o mito”<sup>20</sup>. Não é a intenção do autor que deve ser buscada para a interpretação e geração de sentido em relação à obra, mas esse sentido nasce da força da escritura, força essa que é apreendida, reformulada, resignificada pelo leitor.

Na Introdução, colocamos que teoria e obra se retroalimentam: uma oferece aberturas ao texto literário através das descobertas, dos sentidos, das possíveis interpretações que lhe propõe, e a outra dinamiza a teoria, pois o caráter dinâmico da escrita literária, tão propensa a transformações, inovações e novas formas de se fazer, força a teoria a se renovar constantemente, colocando em questão seus próprios paradigmas.

Barthes compõe seu texto em 1968, *Pierre Menard, autor do Quixote* é escrito em 1939, quase três décadas separam um texto do outro. Mas o importante aqui é observar como uma tese que ampliaria em muito o debate teórico-crítico já estava formulada no texto literário. O apagamento do autor em detrimento da obra aparece formulado quando Menard é autorizado a escrever o Quixote e, mais ainda, quando essa sua obra fica inconclusa, sugestão de uma (re)escrita *ad*

*infinitum*. Assim, Borges torna-se o precursor de Barthes, pois a leitura do autor portenho lança novos olhares à teoria do pensador francês.

E se também a teoria promove o texto, Compagnon vai tomar o mesmo *Menard*, em um sentido diferente, a fim de abrandar a radicalização barthesiana, defendendo que “se a intenção do autor é negada, uma outra intenção toma seu lugar”<sup>21</sup>, nesse caso, Pierre Menard. Por certo que isso provoca um conflito, pois o mesmo texto é tomado para dois posicionamentos distintos. Mas isso só faz confirmar o que há muito é sabido: como o texto literário apresenta tensões não tão simples de se resolverem.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a ficção borgeana, dentre as possibilidades de leitura que apresenta, nos coloca uma que é a ficção confabular com a crítica. A nosso ver, essa é uma constante na obra do escritor portenho. No conto alvo de nossa análise, *Pierre Menard*, não apenas a teoria da “morte do autor” está presente de modo ficcionalizado, mas há outros meandros relativos à crítica que podem ser percebidos no texto.

A própria motivação do conto reside em corrigir o catálogo da obra de Menard, que foi circulado em um jornal. Como o narrador reconhece sua pouca autoridade, ele apela para duas damas, uma baronesa e outra condessa, a fim de

21. COMPAGNON. *O demônio da teoria*, p. 93.



que suas ratificações concedam credibilidade a seu escrito. Mas essa estratégia confessado pelo narrador não vem sem um tom de sarcasmo e ironia, o que resulta em pensarmos que nem toda crítica é fidedigna, visto que há critérios outros que não os de conhecimento e saber para exercer tal posição.

Curioso, também, é que a obra “divulgada” ou conhecida de Menard são, em sua maioria, textos que não estão no âmbito literário ou remetem a um uso *grosseiro* da literatura, o que configura mais uma forma do narrador questionar sob quais valores – estéticos, artísticos, sociais, convencionais – uma produção é avaliada e/ou valorizada. Há, ainda, a voz de Menard que afirma: “O *Quixote* [...] ‘foi antes de tudo um livro agradável; agora é uma ocasião para brindes patrióticos, soberba gramatical, obscenas edições de luxo’”.<sup>22</sup> A fala de Menard indica um valor pragmático dado à obra, o qual suplanta seu caráter de texto simbólico, fluido, que se desloca em tempo e espaço, capaz de abarcar, criar e receber sentidos; caráter esse figurado no conto.

Enfim, este trabalho focou uma perspectiva de análise do texto de Borges, dentre tantas outras que seriam possíveis. O que parece ficar bastante claro é como o texto literário é esse construído em camadas, sempre propenso a dar-se em várias significações, em diálogo com diferentes campos do conhecimento. É justamente nesse seu caráter multifacetado que

reside o desafio para a teoria e crítica literárias que precisam refazerem seus discursos, abarcando, tanto quanto possível, os diversos meandros que a literatura não cessa de propor. Como declara Souza: “a única teoria consequente é aquela que aceita questionar a si própria e colocar em causa o seu próprio discurso”.<sup>23</sup>

#### REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: **O rumor da língua..** 2.ed. Tradução Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.55-64.

BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor de Quijote. In: **Ficções.** Trad. Davi Arriguucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 34-45.

BORGES, Jorge Luis. Kafka y sus precursores. **Edición Crítica, vol. II.** Anotada por: Rolando Costa Picazo e Irmã Zangara. Buenos Aires: Emecé, 2009, p. 80-81.

CERVANTES, Miguel de. **Don Quijote de La Mancha.** Espana: Perymat Libros, s/d.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da Teoria:** Literatura e senso comum. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão et al. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

FOUCAULT, Michel. O que é um Autor? In: **Ditos & Escritos III - Estética: literatura e pintura, música e cinema.** 2.ed. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009, p. 264-298.

22. BORGES. Pierre Menard, autor de Quijote, p. 43.

23. SOUZA. A teoria em crise, p. 75.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Pastiches Críticos. In: **Inútil Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 352-358.

RODRÍGUEZ FERNÁNDEZ, Mario. Pierre Menard, autor del Quijote: biografía de un lector. **Rev.chil.lit**. Santiago, n.67, nov.2005. Disponível em : <<http://www.revistaliteratura.uchile.cl/index.php/RCL/article/viewArticle/1508>>. Acesso em: 30/10/2012.

SOUZA, Eneida Maria. A teoria em crise. In: SOUZA, Maria Eneida de. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 67-78.